



## Com os pés na lama: um retrato do manguezal de Guaraqueçaba<sup>1</sup>

Robson José CUSTÓDIO<sup>2</sup>

Maura Oliveira MARTINS<sup>3</sup>

Faculdades Integradas do Brasil, Curitiba, PR

### RESUMO

Este trabalho tem o intuito de apresentar as possibilidades da utilização dos recursos literários para reportar temas relacionados a meio ambiente, bem como as influências da observação participante, método de origem antropológica, todos aplicados em livrorreportagem. Os métodos para obtenção deste trabalho é a entrevista aberta, juntamente com a observação participante. As principais contribuições foram pela relação entre as duas áreas (ambiental e literária) e as influências que um método de outra área pode provocar na reportagem jornalística. A cidade de Guaraqueçaba guarda muitas riquezas naturais. É frente de apoios de conservação ambiental e patrimônio histórico. Possui uma boa referência nos aspectos ambientais, abriga grande parte de preservação da Mata Atlântica e áreas de restinga e manguezais.

**PALAVRAS-CHAVE:** livrorreportagem; Guaraqueçaba; manguezal; jornalismo; antropologia.

### INTRODUÇÃO

#### Guaraqueçaba no contexto social e ambiental para o Paraná

Guaraqueçaba está localizada no norte litorâneo do estado, há aproximadamente 170 quilômetros de Curitiba. Possui uma população estimada de 7.843 habitantes (IBGE, 2009) e Índice de Desenvolvimento Humano – IDH de 0,659, um dos piores do Paraná (IPARDES / IPEA, 2009). Porém, a predominante proporção ambiental e a variabilidade do ecossistema justificam sua importância. “É hoje a sede de um mosaico de unidades de conservação, pois compreende uma Estação Ecológica, um Parque Nacional, uma Área de Proteção Ambiental, uma Área de Relevante Interesse Ecológico” (NETO, *apud* BEHR, 1998).

A cidade possui uma grande diversidade ecológica e o maior espaço de manguezais do complexo litorâneo do estado do Paraná. Teve seu início marcado pela forte presença dos portugueses na região. Segundo SANTOS (*apud* BEHR, 1998) os povos europeus

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XVIII Prêmio Expocom 2011, na Categoria Jornalismo, modalidade livrorreportagem.

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: robscustodio@gmail.com.

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora Mestre do Curso de Jornalismo, email: mauramartins@gmail.com.



embarcaram em canoas indígena, costeando as praias de Ararapira e Superagui no ano de 1501.

Depois dos estrangeiros, os mineradores de São Paulo também se voltaram para a região, só que na intenção de explorar a área aurífera, muito predominante na época. No entanto, conforme mostrado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) o início da cidade se consagrou com a construção da igreja no morro do Quitumbê. Em 1835<sup>4</sup> Cypriano Custódio de Araújo e José Fernando Correa a construíram chamando de Bom Jesus dos Perdões de Guaraqueçaba.

O manguezal, uma das áreas importantes do ecossistema de Guaraqueçaba, “são florestas diferentes das demais por se desenvolverem em ambientes com água salobra, ou seja, formada pela mistura de água salgada com água doce, em lugares protegidos das ondas do mar e sobre solo mole e lamacento” (ALVES, 2004, pg. 119). O manguezal “é considerado, pelos governos e por organizações não-governamentais nacionais e internacionais, como um dos mais importantes estuários do País e do Atlântico-Sul” (COSTA, *apud* BEHR, 1998). Além disso, os manguezais possuem uma rica diversidade ecológica, “formam uma unidade faunística e florística de grande relevância, representada por um grupo típico de animais e plantas” (VANNUCCI, 2002, pg. 194).

Este ecossistema guarda uma vasta e exclusiva biodiversidade. O caranguejo é um dos principais animais dessa área; ele “vive unicamente nos manguezais e pode ser encontrado, no litoral brasileiro, de Santa Catarina ao Amapá. É um animal semiterrestre, pois passa parte da vida dentro d’água. Alimenta-se principalmente de folhas das árvores do mangue que caem na lama” (ALVES, 2004, pg. 124). Outros crustáceos, como o siri, alguns moluscos, peixes e camarões também podem ser localizados nesta região. As plantas são exclusivas dessa área que estão entre algas a árvores de grandes copas. “Ao longo do litoral sudeste, várias áreas de manguezal são marginais à Mata Atlântica; nessas áreas, é comum a presença de epífitas [plantas que vivem apoiadas em outras] das famílias *Bromeliaceae* e *Orchidaceae*, (...) que avançam até o manguezal através das copas” (VANNUCCI, 2002, pg. 199). Orquídeas, bromélias, samambaias e líquens podem ser exemplificadas como espécies encontradas nos manguezais. “Os troncos e as raízes expostas dos mangues são colonizados por algas e pequenos animais que se fixam nessas superfícies. Além disso, os mangues produzem folhas, galhos e raízes que servem de alimento para uma série de seres que vão de bactérias a caranguejos” (ALMOS; SILVA,

---

<sup>4</sup> O ano pode ser encontrado em alguns periódicos ou artigos históricos com datas aproximadas.



2003, pg. 35). Considera-se o mangue uma espécie de importância no aspecto marinho, uma vez que eles servem para a manutenção da vida dos seres vivos terrestres e marinhos.

### **Guaraqueçaba monitorada no âmbito jornalístico**

Com uma população de aproximadamente 8 mil habitantes, Guaraqueçaba tem sido vista pelo seu isolamento turístico, pelas belezas naturais, e por problemas sociais e ambientais, resolvidos e não resolvidos. Entre os anos de 2000 e 2010 foram publicadas 37 matérias nos principais jornais do estado do Paraná<sup>5</sup> especificamente sobre o município. Neste mesmo período, os manguezais de Guaraqueçaba não apareceram tanto na mídia quanto a cidade no geral.

Tendo em vista que essa região não é abordada com tanta frequência, alguns pontos do jornalismo especializado tornam-se fundamentais para a retratação deste ambiente, como é o caso do jornalismo ambiental. Este “começa com um conceito de serviço social, dá voz à luta e às demandas e se expressa com honestidade, credibilidade e finalidade” (FROME, 1996, pg. 60). A contribuição das formas literárias para com o jornalismo, neste caso, ambiental, é complementar as informações já reportadas. O jornalismo literário surgiu com a ideia de um terceiro gênero baseado em outros dois estilos, que se manifestam juntos perante uma dicotomia de responsabilidades. “Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes (literatura e jornalismo), transforma-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose” (PENA, 2008, pg. 6). Portanto contribuem para o conhecimento, já que com ele, é possível deixar a objetividade do jornalismo diário e partir para a contextualização do relato.

O jornalismo aplicado nos livros é bem diferente em referência ao de outras publicações. O livrorreportagem serve “para estender o papel do jornalismo contemporâneo, fazendo avançar as baterias de explicações para além do terreno onde estaciona a grande reportagem na imprensa convencional” (LIMA, 1998, pg. 16). O produto faz uma abordagem maior, para ajudar o leitor a entender o que já aconteceu ou uma determinada região.

---

<sup>5</sup> A pesquisa foi realizada na Biblioteca Pública do Paraná em maio de 2010. Os jornais analisados foram: Gazeta do Povo, Estado do Paraná, Jornal do Estado, Folha de Londrina, Indústria e Comércio, Agora Paraná, Diário Popular e Tribuna do Paraná. Com a pesquisa foi possível constatar que: 6 matérias eram sobre o turismo em Guaraqueçaba; 16 eram sobre aspectos físicos e problemas sociais da cidade; 13 eram sobre o meio ambiente; e 2 sobre cultura.

Se no jornalismo literário de outros produtos há uma preocupação com a humanização<sup>6</sup>, de acompanhar um determinado fato complementando com o que acontece em volta, no do livrorreportagem há uma preocupação maior ainda. O diferencial, talvez, seja o tempo de apuração e da montagem textual. “A narração é organizada no tempo presente de uma forma que conduza o leitor a um contato dinâmico com o texto e o fato reportado, e temos o emprego dos diálogos utilizados de uma forma solta e simples, a fim de ritmar a leitura” (OLIVEIRA, 2007, pg. 4).

### **Observação participante: a contribuição do método antropológico**

Em antropologia é realizado a etnografia, que segundo GEERTZ (1989) é uma forma de “estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário e assim por diante” (pg. 15). A observação participante, um método antropológico, realiza essa etnografia mais aprofundada, pois ela permite conhecer pessoalmente a cultura de uma determinada região. “Através dessa técnica de investigação é possível acumular grande número de informações e, inclusive, testar a veracidade dos informes utilizando informantes diferentes” (MALINOWSKI, 1984, pg. 11). Por meio desse método a identificação de uma realidade e a retratação da mesma se torna claramente mais próxima.

## **2. OBJETIVO**

De modo a verificar as possibilidades de uso dos recursos literários, próximo da temática ambiental, assim como o método da observação participante, o objetivo é apresentar por meio de um livrorreportagem a realidade vivida pelos moradores, suas relações com os manguezais e o ecossistema, segundo os relatos e vivências na região.

## **3. JUSTIFICATIVA**

O tema do trabalho surgiu com a ideia de aproximar os manguezais, ambiente característico do litoral, e as histórias que os reservam, com os povos de outras regiões e também pelo isolamento que hoje a cidade sofre. Os manguezais são áreas de grande importância, considerados um local rico na fauna, pela proporção de alimentos ali encontrados e as condições de abrigo. “Não é exagero dizer que o manguezal sustenta boa

---

<sup>6</sup> Humanização, segundo Mário Erbolato, “quer dizer levar a informação até o ambiente do leitor, de maneira que ele a sinta. Não é escrever para o leitor, mas redigir de tal forma que a notícia tenha sentido para ele”. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2824-1.pdf>

parte da atividade pesqueira do Brasil, especialmente a pesca artesanal” (ALMOS; SILVA, 2003, pg. 35).

O ambiente jornalístico, hoje, precisa buscar formas de relacionamento dessas áreas com o público, este trabalho contribuirá para conceber o jornalismo ambiental e o jornalismo literário. “Com a evolução dos meios de comunicação, a Sociedade da Informação necessita se relacionar com a produção informativa de forma mais direcionada” (ABIAHY, 2000, pg. 24). Assim, o jornalismo especializado cumpre a função.

A escolha por um livrorreportagem se deve às possibilidades que ele transmite. “O livrorreportagem contextualiza o tema para o leitor, faz uma leitura sistêmica da realidade” (LIMA, 1998, pg. 29). A discussão em cima das formas literárias aplicadas no jornalismo ambiental é devido a não aproximação destas duas especializações no contexto social. A junção dos dois estilos permite trabalhar e desenvolver mais a pauta. “Afim, tanto o fazer jornalístico, quanto o literário, tem muito a contribuir e partilhar entre si. Características distintas, numa ligação confluyente” (OLIVEIRA, 2006, pg. 3). Já o uso da observação participante se deve, portanto, para tentar descobrir como este método influencia realmente na reportagem, já que a vivência é a sua característica central.

#### **4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

Para elaborar este livrorreportagem foi necessária a utilização de dois recursos metodológicos, um do próprio jornalismo e outro pego emprestado da antropologia:

##### **Entrevista**

A entrevista é um método muito utilizado em trabalhos de nível científico, e também no jornalismo. A finalidade é da mais variada, mas para a elaboração deste trabalho, a entrevista foi necessária para compreender o contexto social dos moradores das comunidades, principalmente. “A entrevista pode ser definida como um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado” (HAGUETTE, 1992, pg. 86). Essa é uma definição básica, porém importante.

DUARTE (2008) afirma que a entrevista é “útil para a apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado como para descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido” (*in* DUARTE; BARROS, pg. 64). A entrevista pode se subdividir em aberta (exploratória e flexível), semi-aberta (perguntas



prontas e profundidade) e fechada (questionário estruturado). Neste caso, para elaborar o livrorreportagem a que se encaixa melhor é a aberta, pois

tem como ponto de partida um tema ou questão ampla e flui livremente, sendo aprofundada em determinado rumo de acordo com aspectos significativos identificados pelo entrevistador enquanto o entrevistado define a resposta segundo seus próprios termos, utilizando como referência seu conhecimento, percepção, linguagem, realidade, experiência (DUARTE *in* DUARTE; BARROS, 2008, pg. 65).

Para obter bons resultados das entrevistas realizadas, não foi utilizado equipamentos de gravação, como o próprio gravador. A única ferramenta em mãos foi uma caderneta para fazer as anotações mais relevantes durante a conversa com os entrevistados. A não utilização do gravador foi para não modificar muito o sistema da observação participante. As anotações ajudaram depois a lembrar o que foi observado no entorno, os pontos-chaves do que foi discutido nas conversas e as características importantes para a retratação da realidade no manguezal de Guaraqueçaba.

### **Observação participante**

A observação participante é um método antropológico que é muito utilizado na comunicação pelo bom resultado que é obtido nessas pesquisas. Com ela é possível entender o objeto investigado mais facilmente, pela relação de observação do pesquisador com o grupo pesquisado.

O pesquisador se insere no grupo pesquisado, participando de todas as suas atividades, ou seja, ele acompanha e vive (com maior ou menor intensidade) a situação concreta que abriga o objeto de sua investigação. Porém, o investigador não “se confunde”, ou não se deixa passar por membro do grupo. Seu papel é o de observador. Exceto em situação extrema, em que, por opção metodológica, decide fazer-se passar por membro do grupo, acreditando ser a melhor forma de poder captar as reais condições e os sentimentos do investigado (PERUZZO *in* DUARTE; BARROS, 2008, pg. 133-134).

A participação do pesquisador no local deve ser feita com muita atenção, pois é a partir dela que será retirada boa parte do conteúdo pretendido. Ela “se resume a uma importante técnica de coleta de dados, empreendida em situações especiais e cujo sucesso depende de certos requisitos que a distinguem das técnicas convencionais de coleta de dados” (HAGUETTE, 1992, pg. 69).

Dentre as diversas técnicas, destaca-se neste momento para este trabalho, a entrevista (que já foi apresentada anteriormente) e o chamado diário de campo. Nas entrevistas, foi possível captar muitas informações indiretas que sucederam durante a conversa. O “ouvir faz parte do trajeto, uma escuta específica que deve ser a mais aberta possível” (LAGO *in* LAGO; BENETTI, 2007, pg. 52). Com entrevista aberta, os moradores de Guaraqueçaba, puderam se expor mais, contar mais sobre as suas respectivas vidas. Esse método “amplia o campo do discurso que passa a incluir não só fatos e opiniões bem delimitadas, mas também devaneios, projetos, impressões, reticências, etc” (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 1985, pg. 29).

Foi importante realizar um roteiro, antecipadamente às viagens, para manter a rota dos casos que viessem a suceder. Isso não significa que este foi realizado com extrema competência, já que o esperado geralmente não acontece da mesma maneira do planejado.

## **5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO**

### **Definição**

O livrorreportagem consiste numa documentação da Vila Almeida, na Ilha Rasa, em Guaraqueçaba. A ideia é mostrar a importância do ecossistema de manguezais para a sociedade e a valorização, principalmente. Foi realizada, ainda, por meio dos relatos dos moradores e da observação participante, uma descrição da geografia do ambiente e das relações dos moradores da região com os manguezais. Foi necessário, para desenvolver o livro, passar alguns dias nas comunidades dos manguezais, “morando” e acompanhando de perto o dia a dia deles.

### **Estrutura**

O nome do livro “Com os pés na lama: um retrato do manguezal de Guaraqueçaba” é pela principal relação dos moradores com o manguezal, que é o trabalho na lama. A narrativa é feita em primeira pessoa e em terceira pessoa. O livrorreportagem foi dividido em capítulos conforme as histórias dos personagens, que foram interligados a todo o momento pela relação deles com o manguezal. São sete capítulos no total, com uma foto em preto e branco como abre capítulos. As fotos coloridas estão todas no último capítulo para que as imagens não atrapalhem a imaginação do leitor durante a leitura, tendo apenas a linguagem textual para ser explorada. Isso prende mais o leitor, aproxima mais à leitura.



1. Capítulo: **170 Km em 5h** – o foco é a discussão quanto aos problemas na construção do asfalto na estrada que vai para Guaraqueçaba.
2. Capítulo: **O temor da travessia** – descreve o anseio da travessia do porto do centro de Guaraqueçaba até a Vila Almeida, na Ilha Rasa.
3. Capítulo: **É trabalho!** – conta como funciona um dos trabalhos mais sofridos no manguezal que é com o ‘bacucu’, um marisco típico da região.
4. Capítulo: **Mulheres do mangue** – fala sobre a participação da mulher neste trabalho com o manguezal.
5. Capítulo: **Histórias de Pescador** – apresenta outra forma de trabalho no manguezal, a agricultura.
6. Capítulo: **E o futuro?** – faz uma reflexão sobre o futuro do manguezal e também dos trabalhadores.
7. Capítulo: **Imagens de um caminho** – seleção de fotos.

### **Público-alvo**

O público que se destina este livro são todas as pessoas que se interessam pela leitura de livrorreportagem. Independente da região e limite de idade. A escolha de o público ser todos com interesse é justificada devido à alegação de CRESPO (*in* TRIGUEIRO, 2005, pg. 65), de que o público do jornalismo ambiental, principalmente, são pessoas com maior nível escolar, pertencentes à classe média e alta ou pessoas até 55 anos. Para que esta modalidade do jornalismo se prolifere mais e atinja outros públicos além destes é necessário que ele se manifeste em mídias alternativas, por exemplo, o livrorreportagem, como explica MORAES (2008, pg. 5).

### **6. CONSIDERAÇÕES**

O livrorreportagem “Com os pés na lama: um retrato do manguezal de Guaraqueçaba” obteve mais que o resultado esperado a ele. Inicialmente seria apenas aplicar os recursos literários dentro das pautas de jornalismo ambiental, valorizando os sistemas culturais dos trabalhadores que tiram seu sustento deste ecossistema. Bem como realizá-lo com o método antropológico, a observação participante, para tentar identificar as interferências que este artifício provoca. Concluo que este método influencia muito na produção das reportagens, pois reportar algo que você participou, viveu e sentiu, torna-se bem mais concreto, mais sensível do que simplesmente contar o que você viu e/ou ouviu.



No entanto, foi necessário cuidado para não se render e se fechar ao vivido ou às personagens.

A investigação jornalística fez-se necessária, para entender certos fenômenos e realidades. Como explicou MALINOWSKI (1984) na observação participante é indispensável analisar com seriedade e moderação todos os fenômenos que assinalam uma cultura, uma realidade “sem privilegiar aqueles que lhe causam admiração ou estranheza em detrimento dos fatos comuns e rotineiros” (pg. 24). Por fim, as entrevistas abertas, feitas apenas com um roteiro de informações, ajudaram a desenvolver a observação no manguenzal, pelo seu grande tom de conversa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABIAHY, A. C. A. **O Jornalismo Especializado na Sociedade da Informação**. Tese para obtenção de bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo. Universidade Federal da Paraíba. Paraíba, 2000. Disponível em: [www.bocc.ubi.pt/pag/abiahya-anajornalismo-especializado.pdf](http://www.bocc.ubi.pt/pag/abiahya-anajornalismo-especializado.pdf). Acesso em: 19/11/2009.

ALMOS, F.; SILVA, R. S. **Guará: Ambiente, Flora, e Fauna dos Manguezais de Santos - Cubatão**. São Paulo: Empresa das Artes, 2003.

ALVES, A. **Os Argonautas do Manguê**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

BEHR, M. **Guarakessaba: Passado, Presente, Futuro**. São Paulo: Empresa das Artes, 1998.

DUARTE, J.; BARROS, A. (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

FROME, M. **Green Ink: uma introdução ao Jornalismo Ambiental**. 1996. Tradução: Paulo Roberto Maciel Santos. Curitiba: Editora Universidade Federal do Paraná, 2008.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1992.

IBGE. Biblioteca. **História do município de Guaraqueçaba**. Disponível em <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/parana/guaraquecaba.pdf>. Acesso em: 19/11/2009.

IBGE. Cidades. **Dados estatísticos da cidade**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em: 20/11/2009.



IPARDES. Cadernos. **Dados estatísticos do município de Guaraqueçaba.** Disponível em <http://www.ipardes.gov.br/cadernos/Montapdf.php? Municipio=83390&btOk=ok>. Acesso em 20/11/2009.

LAGO, C. Antropologia e Jornalismo: uma questão de método. *In*: LAGO, C.; BENETTI, M. **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo.** Petrópolis: Vozes, 2007. cap. 2, p. 48-66.

LIMA, E. P. **O que é livrorreportagem.** São Paulo: Brasiliense, 1998.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental:** um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MORAES, C. H. **O impacto, o significado e a repercussão na prática do jornalismo ambiental.** [Santa Maria]: Universidade Federal de Santa Maria, 2008 *in* XXXI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, set/2008. Natal. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1511-1.pdf> Acesso em: 06/05/2010

OLIVEIRA, R. D. ; OLIVEIRA, M. D. Pesquisa Social e Ação Educativa: conhecer a realidade para poder transformá-la. *In*: BRANDÃO, C. R. (Org.). **Pesquisa Participante.** 5. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. Cap. 2, p. 17-33.

OLIVEIRA, P. N. D. S. **Jornalismo Literário:** como o livrorreportagem transforma um fato em história. BAHIA: Faculdade Social da Bahia, 2006 *in* XXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. Brasília, set/2006 Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0717-1.pdf> Acesso em: 10/05/2010.

\_\_\_\_\_. **Radicalmente Chique:** os procedimentos de extensão no *New Journalism* de Tom Wolfe, em Radical Chique. Bahia: Faculdade Social da Bahia, 2007 *in* XXX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. Santos, set/2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1218-1.pdf> Acesso em: 10/05/2010.

PENA, F. **O Jornalismo Literário nas Imagens de Freud e Lacan:** por uma teoria psicanalítica do jornalismo. Natal: Universidade Federal Fluminense, 2008 *in* INTERCOM - XXXI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, set, 2008. Natal. Disponível em: <http://www.felipepena.com/download/jorlitFreud.pdf>. Acesso em: 20/11/2009.

TRIGUEIRO, A. (Org.). **Meio Ambiente no Século 21:** 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento. 4. ed. Campinas: Armazém do Ipê, 2005.

VANNUCCI, M. **Os Manguezais e Nós:** uma síntese de percepções. Tradução: Denise Navas Pereira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2º Ed, 2002.